

AGRADECIMENTOS

Para a concretização deste trabalho muitas foram as pessoas que me ajudaram a chegar ao fim, depois de ultrapassar tantos obstáculos.

O meu sincero agradecimento à minha orientadora, Doutora Helena Serra, pela sua disponibilidade, orientação, seriedade, dedicação e sabedoria, no decorrer deste trabalho, sem ela esta Pós Graduação não seria possível.

Obrigado ao meu filho, pelo sorriso lindo que sempre fazia nos dias que eu estava aborrecida, sem saber por onde começar a elaborar o trabalho.

Obrigado ao meu marido, que mesmo estando só nunca em algum momento se lamentou pela minha ausência.

Obrigado aos meus pais, que de alguma forma me substituíram no meu papel de mãe em tantos momentos.

Obrigado aos meus companheiros Carla Bernardo, Cláudia Matos, Florbela, Cláudia Monteiro e Manuel Faria pelo companheirismo e amizade que demonstraram ao longo de todo o percurso.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos tem se verificado um crescente interesse pela problemática da sobredotação. No entanto, é difícil estabelecer uma definição de sobredotação que seja consensual.

O aluno sobredotado requer atenção especial por parte do professor que muitas vezes não está preparado para lidar com esta realidade. Aos olhos da opinião pública não passam de pequenos génios, rodeados de livros e isolados no mundo por eles criado.

Neste sentido, pretendemos com o presente projecto de investigação, sensibilizar a comunidade educativa para o problema da sobredotação pois, como professores, devemos ter consciência da multiculturalidade na sala de aula e, sobretudo, saber como lidar com ela.

A forma como a actividade da sala de aula é gerida e o comportamento dos alunos constitui uma componente fundamental da avaliação formativa. Tal permite identificar os efeitos, a eficácia das estratégias e metodologias utilizadas pelo professor na dinamização do espaço.

A escola e a sociedade não oferecem ao sobredotado o que ele realmente necessita e merece, isto é, condições para se exprimir.

Há um mito de que a criança sobredotada não necessita de apoio ou de qualquer tipo de ajuda, uma vez que o facto de ser mais inteligente leva a que muitos docentes considerem que estas qualidades permitam que a criança resolva todos os seus problemas sozinho.

A criança sobredotada não apresenta necessariamente um bom rendimento escolar ou académico. Existe uma elevada frequência de alunos sobredotados que apresentam um rendimento abaixo do que o seu potencial deixa prever. Para além disto, muitos sobredotados face às características do contexto escolar, familiar e social apresentam um fraco rendimento e possuem um baixo nível de desempenho, por isso necessitam de diversos apoios a vários níveis.

Uma realidade é que o sistema educativo português desconhece a problemática da sobredotação e os seus reflexos práticos são evidentes. É frequente a escola não estar dimensionada para atender as crianças sobredotadas que podem estar tão inadaptadas à

escola, como a escola tão inadaptada à criança sobredotada. As crianças sobredotadas são “crianças diferentes”, por isso o não reconhecimento de tal facto pode gerar situações de conflito entre escola e criança, de tal modo que se poderá considerar que as crianças sobredotadas são crianças inadaptadas.

Os professores que desejam ajudar as crianças sobredotadas a desenvolver as suas habilidades e a destacar-se na escola, devem tratar de conhecer as suas necessidades especiais, tentando ajudá-los.

Devemos ter presente que as necessidades educativas especiais estão sinalizadas de forma generalizada. Nem todos os sobredotados têm de ter estas necessidades. Além disto, as necessidades do aluno variam de acordo com a idade. A certas idades as necessidades sociais e emocionais tem mais importância que as necessidades do seu intelecto, isto é, o aluno pode estar progredindo satisfatoriamente em respeito ao seu desenvolvimento social e encontrar-se perdido nas suas actividades intelectuais.

No que concerne aos aspectos legais, a Lei de Bases do Sistema Educativo Português afirma no n.º 1 do seu artigo 2º que a educação é um direito e adianta no n.º 2 que compete ao Estado “promover a democratização do ensino” de modo a garantir o direito a “uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares”. A realidade escolar em relação aos sobredotados é bem diferente.

Um baixo nível de conhecimento sobre a temática das crianças sobredotadas, leva a considerá-las como bons alunos que não necessitam de um atendimento especial, que não apresentam problemas de adaptação escolar: as crianças nem sempre são os bons alunos, têm muitas vezes problemas de adaptação escolar e no actual contexto carecem de apoios específicos pelos professores e pelos educadores.

Na verdade, os professores carecem de formação específica para que possam atender adequadamente as crianças sobredotadas.

Os pais não se podem dissociar deste diálogo. Cabe-lhes um papel relevante no processo educativo destas crianças e não devem ser esquecidos dos programas de intervenção.

Antes de mais a criança sobredotada é uma criança. Também tem os seus problemas, muitas vezes acabam por ser vítimas do seu potencial, quer no campo da criatividade, no poder crítico, da capacidade de liderança, da sensibilidade às injustiças, coragem,... Elas são crianças excepcionais, e a sua inadaptação à escola é evidente. Será

devido à falta de informação por parte dos professores, no caso de as não conseguirem identificar? Ou na verdade, aquilo que nos parece ser a chave para a prevenção ou minimização de tantos problemas que, em contexto escolar, surgem associados à sobredotação e urge aqui evocar: Não será devido à falta de utilização de estratégias educativas diferenciadas, no intuito de promover a inclusão dos alunos sobredotados?

O nosso estudo está dividido em duas partes. Na primeira parte faremos uma abordagem teórica do tema em estudo, onde serão abordados as perspectivas de vários autores. Na segunda parte será apresentado o objecto de estudo e descrita a pertinência da sua abordagem. Em seguida, será enunciado o projecto de investigação sob a forma de pergunta de partida, no qual se tenta exprimir da melhor forma possível o que se pretende estudar. Abordaremos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.

CAPÍTULO 1- SOBREDOTAÇÃO: CONCEITO E DEFINIÇÕES

1.1.ABORDAGEM HISTÓRICA DA EVOLUÇÃO DO CONCEITO SOBREDOTAÇÃO

O conceito de sobredotação, como outros termos nas áreas de psicologia e da educação, sofreu alguma evolução com o tempo, acompanhando por razões óbvias a própria evolução do conceito “inteligência”. A problemática da Sobredotação e o seu estudo constitui, desde há muito tempo, uma preocupação para todas as culturas e civilizações. Uma definição do conceito de sobredotação também não se vislumbra como tarefa rápida. O conceito em si sofreu profundas transformações nos últimos decénios e não existe ainda uma completa unanimidade entre os especialistas sobre a definição a adoptar, excepto no facto de que essa definição é necessariamente aberta.

Tomaremos aqui os primórdios do conceito de inteligência e sobredotação, destacando os nomes mais significativos, como Terman, Guilford, Piaget, Torrance e Renzulli, cujos estudos contribuíram muito para um mais vasto conceito de Sobredotação, dando uma maior relevância às concepções mais recentes, e que se apresentam simultaneamente mais dinâmicas e multidimensionais.

A palavra sobredotado utilizada para significar (um indivíduo com capacidades acima da média) foi introduzida por Whipple tendo-se tornado muito popular durante a Primeira Guerra Mundial. Outras palavras têm estado mais ou menos tempo em moda, ou são objecto de grandes debates para se dissociarem de sinonímia. Talentoso, criativo, esperto, supernormal, precoce, brilhante e génio são algumas de entre as 113 possíveis segundo Stein (1995). Ainda segundo este autor as palavras “sobredotado” e “talentoso” parecem ser usadas como sinónimos tanto no terreno como na literatura, referindo-se contudo a diferentes partes da distribuição dos resultados de QI, isto é, sobredotado quando a área verbal excede a média, talentoso quando os resultados são mais elevados na área não-verbal (Gowan, 1978 *cit in* Silva, 1997).

A partir de finais do século XIX intensificou-se o estudo da sobredotação e dos

sobredotados, inicialmente numa perspectiva individual, que abordava todas as dimensões humanas num só indivíduo. Os estudos realizados até à década de sessenta pecavam por inoperantes ao avaliarem numa perspectiva muito sintética o processo subjacente ao comportamento inteligente, isto é, faziam coincidir as características da sobredotação com as da inteligência e aos comportamentos advindos dos sujeitos inteligentes.

O estudo da sobredotação registou grandes progressos desde o seu começo na década de 1920, na Universidade de Stanford, apesar de ter sido afastado da psicologia dominante. Aí, o psicólogo Lewis Terman, que iniciou a investigação psicológica no campo dos sobredotados, conduziu um importante estudo longitudinal em mais de mil e quinhentas crianças de elevado QI, estudo esse que se estende aos dias de hoje. Considerava-se, mais especificamente, que o indivíduo sobredotado deveria apresentar um QI igual ou superior a 140. Dois objectivos principais nortearam este estudo: em primeiro lugar, verificar quais os traços que caracterizam as crianças de elevado QI e, em segundo, acompanhá-las o máximo de tempo possível para analisar o padrão de desenvolvimento da sobredotação no ser humano (Terman, 1975).

Independentemente dos factores de personalidade e ambientais que afectam o percurso dos sujeitos, Terman (1975) acredita que, tanto os padrões de interesse como as aptidões especiais, têm um importante papel no sucesso profissional obtido pelos sujeitos sobredotados, como ocorre com a inteligência geral nas aprendizagens académicas. Assim, o autor conclui que a capacidade de realizações excepcionais pode ser detectada muito cedo, através de testes de avaliação bem construídos.

Apesar de Terman ter realizado, pela primeira vez, uma investigação nesta área, ele foi, sem dúvida, considerado o “pai” dos sobredotados. No entanto, os críticos apontaram este estudo negativo, devido ao facto do estudo ter sido realizado apenas entre a população branca, de abastados recursos económicos (Silva, 1992).

A partir dos anos 60, educadores e psicólogos tornaram-se mais críticos e cépticos quanto ao significado e importância do QI, quer para a descrição das habilidades e realização cognitiva em geral, quer da sobredotação em particular. Em primeiro lugar, esta mudança prende-se com novas concepções de inteligência onde esta surge menos descrita em termos de aptidão ou capacidade genérica da mente. Como exemplos desta concepção podemos mencionar o modelo da Estrutura da Inteligência de

Guilford (1967) ou a Teoria das Inteligências de Gardner (1983). Esta mudança na definição de inteligência foi igualmente acompanhada por uma orientação mais cognitivista da inteligência, onde esta aparece descrita mais em termos de estratégias e de processos de tratamento de informação, do que em termos de aptidões mentais ou de factores. Os testes de QI parecem dizer pouco sobre a experiência cognitiva dos indivíduos. Apesar de tudo, o contributo de Guilford é inegável (Almeida, 1988). A inteligência é vista como plural, abrindo possibilidades de uma nova perspectiva da sobredotação. Este modelo assume a importância de factores não cognitivos no comportamento inteligente, tendo a criatividade, nomeadamente a produção divergente, um papel importante no seu desenvolvimento (Guilford, 1967).

A partir deste momento não se deverá falar mais em “inteligência” mas em “inteligências”. A inteligência deixou de ser algo estático, hereditário, pronto a utilizar, para se transformar em algo multifacetado, sujeito à acção do meio ambiente e das condições em que se desenvolve (Silva, 1992).

Gardner (1983) defende a existência de múltiplas inteligências, relativamente autónomas e que podem ser combinadas em muitas formas adaptativas quer pelos indivíduos, quer pelas culturas. Define, no início da sua teoria, sete formas de inteligência : lógico-matemática, linguística, espacial, musical, cinestésica e corporal, interpessoal e intrapessoal. Gardner (1995) descreve estas inteligências como potenciais biológicos e psicológicos. Embora constituindo categorias independentes, maioritariamente, as inteligências trabalham em harmonia. A teoria de Gardner proporcionou uma maior compreensão acerca das capacidades humanas, tendo contribuído para o desenvolvimento de uma maior diversidade de práticas educativas. Ele defende também que a aptidão numa determinada área não está necessariamente relacionada com a aptidão noutras áreas. Na terminologia adoptada por Pereira (1998), esta concepção está relacionada com o estudo dos talentos.

Em plena época da Guerra Fria um grande incremento é dado a uma capacidade humana até aí desprezada – a Criatividade. Torrance, ao defender a importância desta capacidade, abriu caminho para o início de estudos mais aprofundados sobre a criatividade, tendo ele próprio elaborado testes destinados a medir a fluência, a flexibilidade, a elaboração, a originalidade, características da criatividade concebidas por Torrance (Silva, 1992).

Neste âmbito, aparecem várias investigações que redimensionaram quer o conceito de sobredotação, quer as dimensões nas quais se revê. Então, a sobredotação deixou de ter por base de sustentação o conceito originário, que apontava como uma capacidade intelectual (inteligência), para passar a ser entendida como um atributo, uma capacidade característica, uma potencialidade do próprio indivíduo, isto é, o sobredotado será um indivíduo tal qual outro, acrescido de competências e capacidades eloquentes particularizadas, que lhe permitirão um maior desempenho em campos tão variados como “a capacidade intelectual, aptidões artísticas, criatividade, motivação, liderança, habilidades artísticas, habilidades psicomotoras e habilidades mecânicas” (Renzulli, 1996, *cit in* ANEIS; 2000) e que se reflectem na capacidade verbal, variedade de interesses, curiosidade, memória a curto e a longo prazo, persistência, independência, criatividade, sensibilidade, sentido de valorização das “coisas”, pensamento abstracto, acção e sociabilidade” (Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança)

Renzulli (1998) surge como o autor mais representativo da perspectiva que enfatiza a criatividade como elemento central da sobredotação. A partir da investigação realizada com pessoas criativas produtivas, este autor conclui que os comportamentos sobredotados se podem desenvolver sem que esteja presente um elevado resultado num teste de QI. Sendo assim, a sobredotação não pode ser determinada com base nesse resultado. Renzulli (1978) alarga, assim, a conceptualização de sobredotação, ao introduzir na sua definição, para além da inteligência, duas outras dimensões: a criatividade e o envolvimento na tarefa. Nesta perspectiva, a manifestação de apenas um destes grupos não é suficiente para estabelecer a sobredotação. É na interacção entre eles que emerge o potencial para níveis de realização elevados. Desta forma, cada grupo de características (que o autor designou de anéis) assume um papel importante para o desenvolvimento de comportamentos que indicam a sobredotação (Renzulli, 2000) .

Segundo Pereira (1998:25)

“o envolvimento na tarefa constitui a componente motivacional e engloba a persistência, a dedicação, o esforço e a auto-confiança... A criatividade envolve a fluidez, a flexibilidade e a originalidade de pensamento, a curiosidade e o poder expectativo...”

“ Por aptidão acima da média, compreende-se uma actuação que inclua o sujeito no grupo de dos 15% ou 25% melhores da população” (Pereira, 1998:24).

Este modelo de sobredotação prevê a existência simultânea dos três grupos, pois a existência de um ou dois sem o terceiro não constitui a sobredotação. A intersecção dos três anéis forma uma zona de interacção a que corresponde a sobredotação.

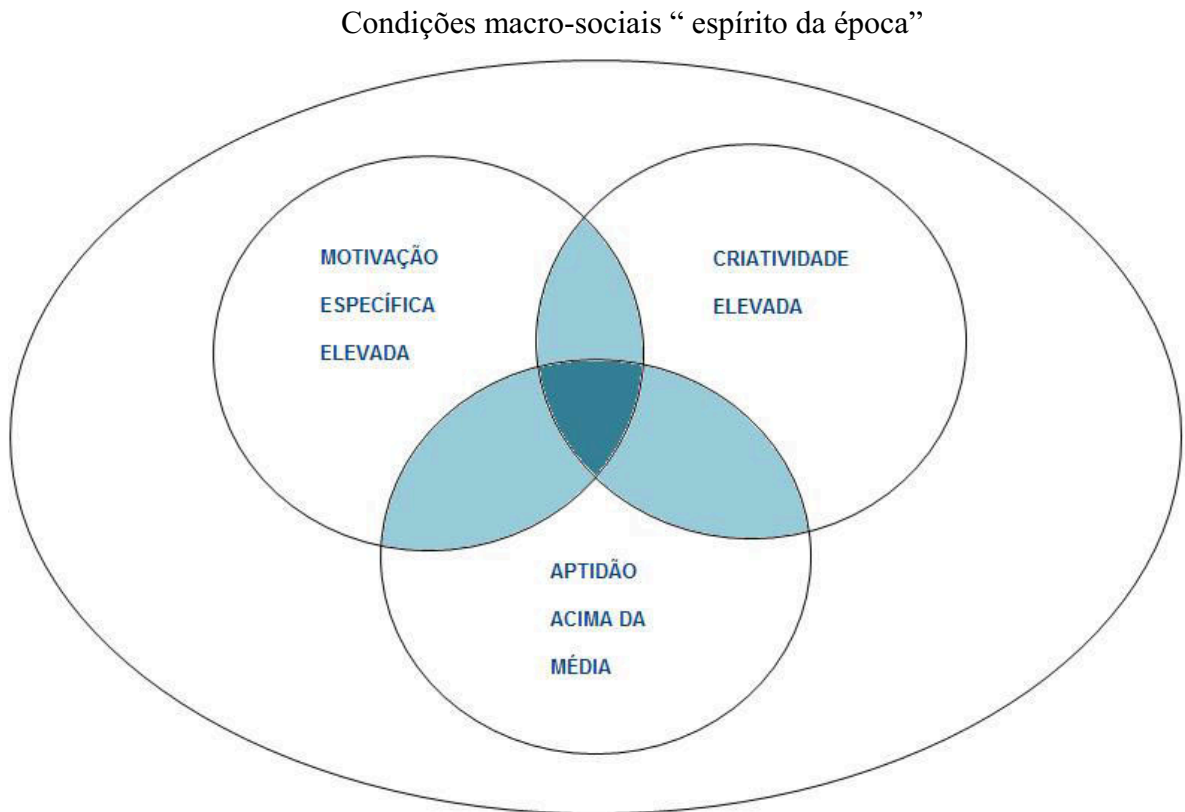


Figura 1: Modelo dos Três Anéis (última versão, Pereira, 1998:25).

Nestas componentes sociais tomam relevância os vários modelos educativos familiares. Assim, a família adquire uma grande importância nos modos como influencia as capacidades e as habilidades do sujeito, na disponibilização dos meios e instrumentos pelos quais ele se valoriza e aprende, pesquisa e descobre, na orientação pessoal dos gostos e no cumprimento dos desejos. É baseado numa aprendizagem activa e participada que a criança aprende a aprender. Isto não invalida que nas famílias de menores recursos económicos não surjam sobredotados. Uma das críticas que se dirigem a Terman reside exactamente na uniformidade da classe social em que baseou as suas pesquisas. De qualquer modo, somos de opinião que é provável que os sobredotados apareçam nas famílias que procuram o saber, pesquisam, interrogam e não

se diminuem perante dificuldades básicas. Aí o factor da tipologia familiar ser importante.

Embora as abordagens multifactoriais tenham promovido um progressivo alargamento do conceito de sobredotação, coloca-se ainda a problemática da sua operacionalização numa definição capaz de estabelecer um quadro integrado e integrador da investigação e da prática nesta área. Com efeito, a diversidade de investigação, baseada na diversidade de definições, tem provocado um conjunto variado de conhecimentos, nem sempre passível de integração. Para além disso, apesar de nas definições a sobredotação surgir em sentido lato, no âmbito da avaliação continua a ser medida de forma muito restrita (Gagné, 1995). Os valores de QI continuam a ser o critério mais usado na selecção de indivíduos para o ingresso em programas de educação de sobredotados (Winner, 1996).

A falta de unanimidade quanto a este conceito tem também subjacente a diversidade ao nível da terminologia atribuída para designar o conceito de sobredotação. Diferentes terminologias são usadas, muitas vezes, indiscriminadamente, sem se saber se são utilizadas como sinónimos do termo “sobredotado” ou se são palavras que ajudam a explicar o conceito. Vários termos são usados, por vezes, como sinónimos de sobredotação. Importa apresentá-los e clarificar a sua relação com a sobredotação, afirmando também a sua diferenciação.

Para terminar, apresentamos uma proposta de operacionalização do conceito de sobredotação, elaborada por Pereira (2000) e que, no nosso entender, contribui com uma boa sistematização e clarificação das diferentes terminologias adoptadas (sobredotado, precoce, talentoso, génio, prodígio e “idiota-sábio”). O autor parte da caracterização de diferentes variáveis associadas aos vários conceitos, para especificar os requisitos implicados em cada um deles: a área em que habilidades se expressam (específica ou geral), o grau de excelência apresentado (ligeiro, moderado ou profundo), a idade em que as altas habilidades se manifestam (infância ou idade adulta), o nível de motivação apresentado pelo sujeito (alto ou baixo), o tipo de tratamento da informação efectuado (assimilador ou criativo), a relevância social atribuída (presente ou ausente) e o contexto social em que as habilidades se manifestam (escolar ou outro). Por fim, é discriminado o grau de estabilidade de cada uma destas variáveis (fixo ou oscilante), em função do tipo de definição adoptado.

1.2. MITOS E REALIDADES

Tourón e Reyero (*cit in* Aneis, 2000) referem que os mitos acerca da sobredotação se devem a juízos pré-feitos ou assumidos, de difícil alteração ou irradicação, assentes em crenças populares, que impediam e continuam a impedir uma rigorosa análise da realidade, o que leva a uma acção pouco reflexiva e a julgamentos pouco correctos. Estes autores apresentam como mitos intrínsecos à sobredotação:

- O carácter inteiramente inato, ou precisamente o contrário, a sobredotação é resultado de trabalho intenso;
- Os sobredotados académicos detêm uma forma intelectual geral que faz deles sobredotados em todas as áreas;
- As crianças sobredotadas estão melhor adaptadas, são mais populares que os alunos médios;
- Os sobredotados são criados por pais super-exigentes, que exigem continuamente alto rendimento;
- Os alunos sobredotados advêm de classes económicas altas;
- Não são necessários programas especiais para os sobredotados, sob pena de os esforçar a um ritmo de desenvolvimento diferente do exigido para a sua idade. (Tourrón et Reyero, *cit. in* Aneis, 2000: 20-27).

Contraopondo a realidade conhecida hoje, desmistificamos os mitos que ainda prevalecem, apresentando-os segundo Winner:

Mito 1: Sobredotação global

Mito: As crianças sobredotadas possuem capacidades intelectuais excepcionais que as tomam sobredotadas em todas áreas.

Realidade: Os dons tendem a ser claramente definidos e específicos de um domínio. As crianças também podem ser sobredotadas numa área escolar e possuir reais dificuldades noutra. Einstein, Darwin e Edison, foram grandes génios mas na escola não revelaram as suas potencialidades.

Mito 2: Talentosas mas não sobredotadas

Mito: Sobredotadas são as crianças que possuem aptidões excepcionais em áreas académicas; talentosas as que possuem grande aptidão para a música e a arte.

Realidade: Não existe qualquer justificação para se fazer esta afirmação. Estas crianças são semelhantes quanto à precocidade, à originalidade e à motivação, vejamos o exemplo de Mozart.

Mito 3. QI excepcional

Mito: A sobredotação em qualquer domínio depende de um QI elevado.

Realidade: Esta ideia limita bastante o conceito de sobredotação. O QI deixa de ser um factor determinante na identificação do sobredotado. A criatividade e outros talentos passam também a enquadrar-se no contexto das características deste conceito. A melhor prova de que os dons operam independentemente do QI vem dos «sábios», indivíduos que apresentam um QI extremamente baixo, mas que são, capazes de um desempenho de nível espantoso em alguns domínios, tais como o cálculo, o piano, o desenho realista e o xadrez.

Mito 4 e 5: Biologia e meio

Mito popular: A sobredotação é inteiramente inata.

Mito dos Psicólogos., A sobredotação é inteiramente produto do trabalho intensivo ministrado quer pelos professores quer pelos educadores

Realidade: Quer o mito popular, quer o dos psicólogos têm fundamento embora este não seja total. Na realidade, as aptidões podem ser um produto dos genes e das influências hormonais durante a gestação, mas o trabalho e o treino intensivo não deixam de ser relevantes para o desenvolvimento desse talento.

Mito 6: pressão parental

Mito: As crianças sobredotadas têm pais agressivos que as pressionam de forma excessiva a obterem resultados muito acima da média. Quando isto acontece, estas crianças esgotam os seus recursos.

Realidade: Os progenitores, assumem uma grande importância na vida destas crianças. São eles que estimulam, encorajam e até exercem alguma pressão para o desenvolvimento dos dons dos seus filhos, no entanto não são eles que os criam.

Mito 7: Modelos de saúde psicológica

Mito: As crianças sobredotadas são mais ajustadas socialmente, mais populares e mais felizes do que a média das crianças.

Realidade: São extremamente intensas, introvertidas e gostam da solidão porque ela proporciona-lhes um melhor desenvolvimento das suas competências. Se ser bem ajustado significa adaptar-se e ser semelhante aos outros, então estas crianças não o são.

Mito 8: Os sobredotados tornam-se adultos proeminentes

Mito: As crianças sobredotadas, tomam-se adultos criadores e eminentes.

Realidade: Muitas crianças sobredotadas, inclusive prodígios, acabam por não ser eminentes na vida adulta.

No quadro I que se segue apresenta outros mitos, no sentido de completar os anteriormente apresentados. Foi retirado do livro “A Criança Diferente - Manual de Apoio ao Educador de Infância e Professor do Ensino Básico”¹

Mitos	Realidades
<p>Têm sempre bons resultados nos testes de inteligência</p>	<p>Muitas vezes, as crianças sobredotadas têm uma forma tão original de analisar as questões que lhes põem, e de lhes dar resposta, que podem responder de uma forma desajustada aos testes. Assim, terão muitas vezes resultados baixos nos testes estandardizados.</p>
<p>São excepcionais em tudo e rápidos na execução de qualquer tarefa.</p>	<p>Embora se possam interessar por muitas coisas, não são forçosamente excepcionais em tudo. Podem ter dificuldades em certas áreas e até serem lentas na execução de tarefas.</p>
<p>Terão sucesso sozinhas e independentemente dos factores ambientais.</p>	<p>Têm potencialidades mas poderão não as desenvolver e até evitar manifestá-las devido, na maior parte dos casos, às condições ambientais. Muitas delas abandonam a escola por aí não encontrarem respostas às suas necessidades.</p>
<p>São uma minoria privilegiada no meio onde vivem.</p>	<p>Estas crianças sentem-se diferentes da maioria. No entanto, a sua diferença torna-as desconfortáveis para os outros que sabem menos do que elas. Assim, são muitas vezes crianças isoladas e sem amigos.</p>

<p>Têm características idênticas entre si e são um grupo homogêneo.</p>	<p>Tal como as outras pessoas também elas são diferentes entre si, por exemplo na personalidade, nos interesses, nas competências, nas características e na forma como as manifestam e lidam com elas.</p>
<p>Trabalhar de maneira diferente com as crianças sobredotadas é criar uma elite, não é democrático.</p>	<p>Pouco democrático é dar a mesma educação a todos e não respeitar as diferenças individuais.</p>

¹Gabinete de Estudos e Planeamento; *A Criança Diferente - Manual de Apoio ao Educador de Infância e Professor do Ensino Básico* -; - Ministério da Educação ; s/l; 1990

Outros mitos que são necessários desvelar é que não se podem estereotipar as crianças sobredotadas; pois nem todas usam óculos, nem todas trazem boas notas e são boas alunas na escola ; nem todas tiram cursos superiores , nem todas são facilmente identificadas como sobredotadas pelos professores.

1.3.DEFINIÇÃO DE SOBREDOTAÇÃO

Actualmente a sobredotação começa a ter voz, ao contrário do que se pensa. No nosso país, começam a ser dados os primeiros passos no caminho à sobredotação, e ao que parece, os sobredotados encontram-se nas escolas e talvez em número significativo.

Começemos por expor algumas considerações pertinentes para melhor compreendermos esta questão, afinal tão actual.

À priori, todos sabemos que no passado, de uma maneira geral, a sobredotação foi um pouco esquecida. Com a implantação de um Estado Democrático, fez-se sentir a necessidade de todos poderem usufruir de uma educação adaptada às necessidades de cada um. Compete assim à comunidade aceitar com naturalidade a Sobredotação.

Ao propormos definir o conceito de sobredotação, estamos conscientemente a abraçar uma tarefa que acarreta riscos. Ao longo dos tempos, o conceito foi sofrendo transformações, o que por si só denota a complexidade do tema.

Assim, um sobredotado é: “aquele que possui uma inteligência superior e constante em uma ou mais áreas operacionais das inteligências múltiplas, permitido prever um elevado grau de competência específica na solução de problemas, no desempenho académico e profissional e, ainda na criação de respostas inovadoras aos desafios.” (Lima, 1999:56)

Não podemos encerrar esta definição segundo um universo fechado. Ao longo dos tempos surgiram novos autores que vieram acrescentar algo de novo, devolvendo às várias e diferentes definições, a caducidade.

Renzulli (1978) vem acrescentar as componentes: motivação e criatividade; em que a última atinge um enorme valor para o desenvolvimento das sociedades ditas modernas.

Ainda procurando definir o sobredotado, surge a questão da liderança associada à capacidade de comunicar, que também são importantes na sociedade competitiva em que vivemos.

Para Bernard et. al. (1987) pode parecer fácil definir o sobredotado, se considerarmos aquele aluno que apresenta um rápido desenvolvimento intelectual, incluindo uma aprendizagem fácil. Mas se à partida, parece que isto traz felicidade, para a criança, a realidade pode não ser bem assim.

Esta definição de sobredotação vai de encontro a uma perspectiva tradicionalista que considerava sobredotado todo “o indivíduo que se destacava pelas suas habilidades cognitivas (quociente de inteligência ou QI), recorrendo-se geralmente a testes de inteligência para a sua identificação” (Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação – ANEIS, 1999).

Mate (1992) vem definir o sobredotado, como aquele que tem uma inteligência muito acima da média (130), alta criatividade e motivação intrínseca para a aprendizagem.

Quando falamos em sobredotado, não nos referimos exclusivamente aquela criança que apresenta um desenvolvimento intelectual excepcional.

Hoje considera-se sobredotado, aquele indivíduo que apresenta um potencial elevado numa determinada área ou várias.

Podemos definir e distinguir os seguintes tipos de crianças sobredotadas, de acordo com as áreas em que sobressai:

Área Intelectual - a criança que demonstra aptidões intelectuais que incluem a atenção; concentração; elevada percepção e memória; rapidez de aprendizagem; fácil raciocínio; capacidade para avaliar, sintetizar e organizar o conhecimento e resolução hábil de problemas.

Área Académica – a criança está especialmente orientada para a actividade e produção académica, distinguindo-se por um óptimo desempenho escolar numa ou várias áreas curriculares.

Área da Criatividade – apresenta imaginação, originalidade, capacidade para resolver problemas de forma diferente e inovadora, podendo até reagir de forma extravagante. Revela facilidade de auto-expressão, alta fluência e flexibilidade de ideias.

Área da Motivação – alto grau de envolvimento no processo de aprendizagem e na realização de actividades pelas quais se interessa. Devido ao interesse, ele empenha-se, entusiasma-se, sendo persistente e auto confiante.

Área da Liderança – a criança apresenta capacidades de liderança e de resolução de situações sociais complexas; sensibilidade no relacionamento interpessoal; habilidade no trato com os outros; poder de persuasão; autocontrole; influência e capacidade de orientar a interacção com os outros.

Talento Especial na Vertente Artística – destaca-se pelas aptidões superiores nas várias áreas de expressão: plástica; musical; dramática; literária; escultura; dança; cinema.

Área Psicomotora – a criança evidencia habilidades e desempenho fora de comum, no que diz respeito à velocidade, agilidade de movimento, força, resistência, controlo e coordenação motora.

Área da Matemática – a criança é geralmente conhecida por pequena cientista. Revela grande flexibilidade e fluência do pensamento, utilizando a abstracção para formular associações. Possui elevada compreensão e memória, assim como uma pertinente capacidade para resolver e lidar com problemas que, exigem aptidões analíticas e raciocínio lógico.

Área da Mecânica – capacidade para observar e codificar problemas de índole técnico-práticos, o que obriga a ser capaz de manusear equipamentos do tipo mecânico, electrónico ou computadorizado.

CAPÍTULO 2- SOBREDOTAÇÃO: IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

2.1.PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DA SOBREDOTAÇÃO

Um dos problemas com os quais é preciso lidar na sobredotação é aquele que se prende com a identificação de crianças sobredotadas.

Quando buscamos a identificação do aluno sobredotado, o ideal é conhecermos as diferentes concessões sobre a sobredotação. Quer isto dizer que o processo de identificação depende directamente do conceito adoptado e das técnicas e instrumentos de avaliação utilizados.

Como nos diz Tourón (1999) todo o processo de identificação, determina e os sujeitos propostos possuem aptidões ou talentos especiais, que por sua vez exigem uma atenção específica que não se pode cingir ao programa curricular. A identificação só faz sentido se houver adaptação de estratégias de intervenção que contribuam para o desenvolvimento das qualidades e capacidades identificadas. Ou seja, a identificação é necessária se lhe suceder uma ajuda educativa.

Contudo, a atenção prestada às diferenças específicas, surge uma vez que são comprovadas, através de uma metodologia adequada.

Da mesma forma que tratamos desigualmente os mais atrasados, devemos tratar os que estão mais avançados.

Regra geral, a sobredotação assume-se como um problema educativo, quando a escola opta por actividades que não se adequam às necessidades do aluno sobredotado.

Ao concretizar-se o processo de identificação, surge a possibilidade que crianças sobredotadas possam usufruir de experiências educativas enriquecedoras.

Para que haja desenvolvimento pessoal, é fundamental optar por programas especiais, o que exige a identificação. “O estabelecimento de programas especiais para sobredotados surge da observação das diferenças individuais” (Tourón, 1999).

2.2. OS PRINCIPAIS ASPECTOS DO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO

Para se proceder à identificação, devem ser seleccionados objectivos, no sentido de localizar o alunos cujas capacidades não estão suficientemente estimuladas.

Por outro lado, os instrumentos utilizados neste processo devem assentar nos objectivos do currículo.

Será importante iniciar-se o processo com a inclusão de tantos candidatos quanto possível. Em seguida, procurar-se-á informação diversa, para evitar o risco de excluir alunos que poderiam beneficiar de uma ajuda educativa especial.

Este processo será abraçado por profissionais capazes de discutir cada caso e analisar toda a informação disponível. Para um programa desta amplitude é crucial que se determine primeiramente, o conceito e dimensões da sobredotação. Em seguida, será fundamental, relacionar os dados obtidos com o conceito e dimensões definidos, a partir das diversas fontes de informação e dos instrumentos de medida.

Ora, a identificação deverá começar pela elaboração do perfil dos candidatos. Uma vez que os candidatos tenham sido seleccionados ao programa, será imprescindível avaliar com periodicidade as suas aprendizagens, para adequar a ajuda específica de que necessitam.

Conclui-se que os processos de identificação são multidimensionais e complexos, mas devem ser promovidos activamente todos os anos, pois é um processo que depois de começar, não pode parar. Pretende-se que caminhemos no sentido de prestarmos a mesma atenção às crianças sobredotadas, como às crianças com necessidades educativas especiais.

O processo de identificação implica a tomada de decisões em função de alguns critérios pré-estabelecidos. Estes critérios são aqueles que melhor nos permitem definir as características próprias dos sujeitos que foram seleccionados. O processo de identificação passa por tomar decisões que podem ser acertadas ou não, pelo que também é possível cometer diversos erros.

A concepção tradicional da identificação dos sobredotados consistia num processo cuja finalidade era saber quem era e quem não era sobredotado. O importante era ser ou não ser, e a concepção de sobredotação cingia-se a essa atitude.

Hoje a identificação converteu-se num processo de busca de talentos nas crianças, sendo primordial para a selecção de recursos adequados. Não se trata, portanto, de ser ou não ser sobredotado, mas sim, do talento que existe e nas acções educativas que podem ser planificadas para o desabrochar das capacidades intrínsecas.

Na concepção actual, entende-se que não havendo identificação corre-se o risco de perder talentos e todo o talento que não cultiva, perde-se. Os talentos crescem e emergem evolutivamente e isto pode não acontecer por não se produzir uma adequada estimulação na escola e na família.

É imperativo que os professores vejam os talentos e potencialidades, como algo que se pode educar e não como algo fixo e imutável.

O processo de identificação assume um papel crucial no âmbito da educação dos sobredotados, uma vez que um apoio educativo efectivo a estes alunos depende do funcionamento adequado deste processo. Neste sentido, a identificação deverá centrar-se não só num conceito específico de sobredotação, mas considerar também as especificidades desta população e, ainda, as características do programa para o qual os alunos são seleccionados.

Tendencialmente, o processo de identificação organiza-se em duas fases: uma fase inicial de sinalização ou despiste e uma fase final de identificação, ou seja, de confirmação e explicitação da sobredotação (Almeida & Oliveira, 2000). Neste sentido, assumindo a avaliação como recolha de informação para depois se intervir, a identificação funciona como um pré-requisito para se avançar com qualquer medida de intervenção. Assim, no âmbito da identificação dos sobredotados, podemos dizer que, actualmente, a maioria dos especialistas na área considera que devem ser utilizados diferentes procedimentos e fontes de informação, de forma a garantir a avaliação das diferentes dimensões ou áreas do desenvolvimento humano. A avaliação deverá abranger outras dimensões que não a cognitiva e a académica, deverá ser multidimensional, e com validade ecológica, deverá incluir diversas fontes de informação, diferentes agentes e o ocorrer ao longo de diferentes momentos e contextos (Almeida & Oliveira, 2000). Pressupõe-se, pois, a integração no mesmo processo de

diferentes agentes e de diversos meios de avaliação e observação, devendo a tomada de decisão final ser efectuada com base numa análise de toda a informação.

O processo de identificação é de carácter dinâmico e contínuo, não devendo limitar-se a um período temporal único. As aptidões, as características pessoais e sociais das crianças emergem, mudam e desenvolvem-se. Tal facto legitima uma avaliação atenta e recorrente, no sentido de acompanhar as mudanças em relação aos diferentes níveis de desenvolvimento dos indivíduos.

Segundo vários autores um dos principais problemas na identificação neste tipo de alunos, prende-se ao facto da falta de formação dos avaliadores e nos respectivos instrumentos usados, ou seja, por vezes, seleccionam-se os alunos, mas os programas que vão frequentar proporcionam serviços diferentes, ou, então, o processo de selecção sinaliza apenas em termos gerais, esquecendo-se a identificação dos talentos específicos.

Em suma, podemos afirmar que o conceito de sobredotação é dinâmico, sensível ao tempo e à cultura, é uma construção social. Por outro lado, aceita-se que a identificação não tem como finalidade de colocar um rótulo, mas a recolha de um conjunto de informação sobre as capacidades, interesses, habilidades, pontos fortes e fracos com o objectivo de apoiar a construção e implementação de um programa educativo diferenciado.

Assim, a identificação deverá ter um propósito, ajudar as escolas a orientar as suas metodologias, estratégias e respostas para as necessidades dos alunos, melhorando deste modo a provisão para todos os alunos.

Existem vários programas e métodos referidos na literatura da especialidade, para a identificação de crianças sobredotadas, no entanto, qualquer que seja o programa e método utilizado há sempre limitações a considerar (Falcão, 1992).

No quadro abaixo, referimos algumas limitações possíveis de detecção, quanto ao processo escolhido.

Quadro II – Processos de identificação e suas limitações

Processos	Limitações
Observações do Professor	Não conseguem detectar problemas motivacionais, de privação cultural ou emocionais de alunos com dificuldades de rendimento escolar, com atitudes agressivas e apáticas no que diz respeito aos programas escolares, havendo necessidade de serem suplementados por testes padronizados e de aproveitamento escolar.
Testes individuais de inteligência	O melhor método, mas dispendioso, em função dos serviços e do tempo dos profissionais. Não é prático como recurso de avaliação nas escolas que não dispõem de serviços de psicologia.
Testes colectivos de inteligência e baterias de aptidões diferenciadas	Geralmente válidos para seleccionar esses alunos, podem não identificar os que têm dificuldades de leitura, problemas emocionais e motivacionais.
Testes de rendimento e desempenho escolar	Não identificam crianças sobredotadas com rendimento escolar inferior e apresentam limitações, dada a natureza do seu conteúdo.
Testes de criatividade	Recentes e de validade não comprovada, demonstram possibilidade de identificarem o pensamento divergente, que pode não ter sido diagnosticado nos testes de Q. I. São, contudo, limitados quanto aos objectivos propostos, quando

	não suplementados por outras medidas de avaliação.
Testes de pensamento divergente	São limitados ao dar apenas pistas para traços e interesses nessa área; não levam em consideração as diferenças entre a imaginação científica e a artística.
Informações aos pais	Podem ser afectadas pelo envolvimento afectivo.

Falcão, I.J.C. (1992). Crianças sobredotadas: Que sucesso escolar? Rio Tinto: Asa

2.3.CARACTERÍSTICAS E NECESSIDADES EDUCATIVAS DAS CRIANÇAS SOBREDOTADAS

São vários os investigadores que apresentam as características das crianças sobredotadas.

Serão as características hereditárias? Têm influência decerto. Há famílias em que aparecem com mais frequência pessoas sobredotadas ou talentosas. No entanto, também existem meios suficientemente ricos e estimulantes que motivam a curiosidade, criatividade e interesse das crianças possibilitando assim o desenvolvimento das capacidades especiais.

Segundo Tuttle e Becker (1983) a criança sobredotada é curiosa, persistente em satisfazer os seus interesses e problemas, não é propensa a aceitar afirmações, respostas ou avaliações superficiais, sendo crítico de si mesmo e dos outros, é sensível a injustiças tanto a nível pessoal como social.

Torrance, outro investigador, partiu das suas observações de crianças altamente criativas concluindo que estas reagem positivamente a elementos novos, estranhos e misteriosos do seu ambiente, examinam e exploram estímulos com o objectivo de se conhecerem melhor, resolvem problemas de uma forma original, são independentes e

auto suficientes e ocupam o tempo de forma produtiva sem estimulação constante do professor uma vez que se irritam com a rotina.

Um ilustre professor de psicologia da Stanford University, Lewis M. Terman revelou várias características comuns a crianças sobredotadas, elas são: superiores quanto às características físicas e de saúde (incluindo saúde mental); adiantadas nas disciplinas escolares, dois a quatro anos além da média; capazes de manter a sua maturidade intelectual até à vida adulta; menos propensas a desajustes sérios e à delinquência.

Para o doutor Joseph Renzulli do Instituto de Investigação para a Educação dos Alunos Sobredotados (Research Institute for the Gifted Educacion , University of Conneticut , U.S.A) o que caracteriza um indivíduo sobredotado é a posse de várias características :

1. Uma capacidade intelectual superior à média

Estas crianças possuem uma capacidade intelectual superior à média, ainda que não têm forçosamente que ser extraordinariamente inteligentes. A inteligência é importante, mas a maioria das pessoas mais produtivas não possuem pontuações de Q.I. necessariamente superiores.

Os peritos na educação de crianças sobredotadas recomendam que o maior peso sobre o prognóstico da potencial habilidade intelectual de um aluno se dê pela evidência de um alto nível de rendimento na escola (rendimento demonstrado durante um período de tempo e das avaliações correspondentes). A união destes factores é o melhor indicador do futuro desenvolvimento do aluno.

Os professores devem recordar que a inteligência e o desenvolvimento não estão relacionados. Por isso, a criança que se tenha sobressaído constantemente numa mesma tarefa pode ter mais probabilidade de ser sobredotado do que outro aluno que tenha recebido um Q.I. mais alto. O Q.I. é uma forma muito primária de obter uma indicação de habilidade intelectual do aluno. No passado o Q.I. era o indicador mais fiel para determinar se uma criança era sobredotada. De acordo com este critério só seriam sobredotados os indivíduos que apresentavam resultado acima da média nos testes de Q.I.

Cada vez mais, um maior número de especialistas recomenda a não utilização dos testes para confirmar ou rejeitar a nossa perspectiva da inteligência do aluno, aconselhando a basearmos-nos primordialmente nas nossas próprias observações. Estes testes revelam grande fragilidade, pois não têm em conta a criatividade, a persistência e a concentração nas tarefas, áreas relevantes na sobredotação.

2. Um alto grau de dedicação às tarefas

Estas crianças mostram uma grande capacidade de trabalho e dedicam muita energia a resolver um problema concreto ou uma actividade específica.

Não importa o quão ocupado possa estar porque o sobredotado encontra sempre tempo suficiente para seguir aquele problema, actividade ou interesse. São crianças que ficam acordadas a noite toda, esquecem-se de jantar e da televisão, para rever um conto, desenhar uma casa, inventar um jogo ou resolver uma equação matemática.

Normalmente estas características não se detectam na escola já que as oportunidades de se observar uma tarefa específica podem estar limitadas. Os pais, sem obstáculos, têm muitas oportunidades de observar este tipo de comportamento e apontar numerosos exemplos.

3. Altos níveis de criatividade

Estas crianças demonstram altos níveis de criatividade. As pessoas que os conhecem, comentam com frequência que as suas ideias, perguntas, desenhos, jogos, são originais, engenhosos e frequentes. A dificuldade tem sido sempre como medir a criatividade ou como saber se uma criança é mais criativa do que a outra.

Devemos oferecer aos nossos alunos as oportunidades de realizar produtos diversos, não somente completar folhas de cadernos e composições de temas idênticos.

4. Utilização da linguagem e a natureza das perguntas formuladas pelos alunos

Só é possível verificar, na sala de aula quando o professor permite uma participação activa dos alunos, por exemplo, através da discussão do trabalho diário, da realização de diferentes tarefas, do acordar de regras.

5. Utilização de materiais e a profundidade dos conhecimentos da criança em diversas áreas

É de carácter indispensável a utilização de materiais diversificados. O modo como o aluno os vai seleccionar e utilizar é um indicador de sobredotação. Desta forma, é fundamental não pôr de parte opções quer ao nível das estratégias quer ao nível da resolução.

Deve-se valorizar experiências e conhecimentos realizados fora da escola, facilitando o universo de significações da criança e constituindo uma importante estratégia de motivação.

6. Persistência

Os alunos não se devem sentir pressionados para a conclusão das tarefas em que se envolvem pois pode prejudicar a qualidade do trabalho. O professor deve organizar a sua intervenção educativa de modo a que o aluno disponha de tempo necessário para a realização das tarefas e exprima livremente a forma persistente com que o aluno se envolve na resolução do seu trabalho.

7. Juízo crítico

Um dos indicadores que levam a considerar um aluno sobredotado é o facto deste se auto criticar em excesso. Só através de uma auto avaliação é possível identificar esta característica.

Em suma, a concepção de Renzulli (*cit. in* Lombardo, 1997) invoca aspectos relacionados com a capacidade intelectual em geral e aptidão académica específica, o pensamento criativo e produtivo, a liderança, as artes plásticas, a habilidade psicomotora, a motivação e a vontade.

Winner (1996) chama a atenção para algumas características atípicas da criança sobredotada e que fazem dela um ser qualitativamente distinto da criança normal: a precocidade, uma insistência em se desenrascarem sozinhas e uma sede incessante de adquirirem conhecimentos, isto significa que, por um lado inicia a aprendizagem de uma determinada área numa idade inferior à média das outras crianças; por outro lado, possui uma maior autonomia e um elevado ritmo na resolução de problemas. É óbvio que interiormente a sua motivação será maior no que reporta ao domínio de sua eleição.

No entanto, Guenther (2000) partilha a ideia que as crianças bem dotadas e talentosas não constituem um grupo único e homogêneo, isto é, cada uma apresentará características distintas, mediante a interação de vários factores, quer sejam eles: ambientais, biológicos ou até mesmo genéticos. Segundo este princípio, Guenther (2000) entende que a sobredotação remete para as seguintes áreas: inteligência e capacidade geral, capacidade pronunciada (talento académico), criatividade, talento psicossocial e talento psicomotor.

Para uma melhor compreensão e sintetizando todas as teorias acima referidas, Serra (*cit. in* APCS, 2004) identifica como características mais evidentes:

“Percepção e memórias elevadas, raciocínio rápido, habilidade para conceptualizar e abstrair, fluência de ideias, flexibilidade de pensamento, originalidade e rapidez na resolução de problemas, superior inventividade e produtividade, elevado envolvimento na tarefa, persistência, entusiasmo, grande concentração, fluência verbal, curiosidade, independência, rapidez na aprendizagem, capacidade de observação, sensibilidade e energia, auto-direcção, vulnerabilidade e motivação intrínseca”.

Para além do contributo sobre o parecer de cada autor relativamente às características gerais de comportamento das crianças e jovens sobredotados, o Ministério da Educação emitiu também um documento onde essas mesmas características se encontram bem explícitas:

Características Gerais de Comportamento das Crianças e Jovens Sobredotados	
Características no Plano das Aprendizagens	<ul style="list-style-type: none"> a) Vocabulário avançado para a idade e para o nível escolar; b) Hábitos de leitura independente (por iniciativa própria), preferência por livros que normalmente interessam a crianças ou jovens mais velhos; c) Domínio rápido da informação e facilidade na evocação de factos; d) Fácil compreensão de princípios subjacentes; capacidade para generalizar conhecimentos, ideias, soluções; e) Resultados e/ou conhecimentos excepcionais numa ou mais áreas de actividade ou de conhecimento.
Características Motivacionais	<ul style="list-style-type: none"> a) Tendência a iniciar as suas próprias actividades; b) Persistência na realização e finalização das tarefas; c) Busca da perfeição; d) Aborrecimento face a tarefas de rotina.
Características no Plano da Criatividade	<ul style="list-style-type: none"> a) Curiosidade elevada perante um grande número de coisas; b) Originalidade na resolução de problemas e no relacionamento de ideias; c) Pouco interesse pelas situações de conformismo
Características de Liderança	<ul style="list-style-type: none"> a) Auto-confiança e sucesso com os pares; b) Tendência a assumir a responsabilidade nas situações; c) Fácil adaptação às situações novas e às mudanças de rotina.
Características nos Planos Social e do Juízo Moral	<ul style="list-style-type: none"> a) Interesse e preocupação pelos problemas do mundo; b) Ideias e ambições muito elevadas; c) Juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros; d) Interesse marcado para se relacionarem com indivíduos mais velhos e/ou adultos.

Ministério da Educação (1998). Crianças e Jovens sobredotados. Intervenção educativa, ensino básico

2.3.1. AS NECESSIDADES EDUCATIVAS DAS CRIANÇAS SOBREDOTADAS

Os professores que desejam ajudar as crianças sobredotadas a desenvolver as suas habilidades e a destacar-se na escola, devem tratar de conhecer as suas necessidades especiais, tentando ajudá-los.

Devemos ter presente que as necessidades educativas especiais apresentadas de seguida estão feitas de forma generalizada. Nem todos os sobredotados têm de ter estas necessidades. Além disto, as necessidades do aluno variam de acordo com a idade. A certas idades as necessidades sociais e emocionais tem mais importância que as necessidades do seu intelecto. Em resumo, um aluno pode estar progredindo satisfatoriamente em respeito ao seu desenvolvimento social e encontrar-se perdido nas suas actividades intelectuais.

Necessidades psicológicas

Psicologicamente , estas crianças necessitam de :

Um sentimento geral de êxito (não fracasso) , um ambiente intelectual dinâmico (não aborrecido).

Os professores devem na sua prática traduzir aos alunos que são capazes de obter sucesso , para isso é indispensável um ambiente educativo positivo. Deste modo, o docente vai valorizar todos os ganhos (pequenos e grandes) incutindo aos alunos uma grande auto estima e sentimento geral de sucesso.

No caso dos alunos sobredotados este aspecto é de grande relevância pois é condição indispensável para a motivação e progresso.

Os exercícios de rotina e repetitivos (como ler um texto por exemplo,) é encarado pelos sobredotados como algo extremamente penoso e desmotivante. Devendo por isso o ambiente ser estimulante respeitando as diferenças existentes na sala de aula.

Flexibilidade nos tempos atribuídos para a realização das tarefas

Deve haver flexibilidade no seu horário e nas suas actividades (devem ser evitadas as interrupções obrigatórias continuadas e sem uma razão aceitável: “Para de pintar, agora é a hora de te vestires” ou “deixa de fazer a redacção é a hora da matemática”).

Quando seja possível devemos permitir-lhes que continuem trabalhando numa tarefa até que estejam satisfeitos e seguros de que o seu trabalho está terminado. Se o aluno for impedido de terminar uma tarefa pode sentir-se frustrado levando a uma perda da auto-confiança. No futuro a rejeição a novas propostas de trabalho pode ser uma realidade. Uma aula na qual os alunos possam intervir de alguma maneira na planificação e avaliação das suas próprias actividades, em vez de ser o professor que dite cada momento de cada dia, vai motivar aos alunos e levar à sustentação das aprendizagens.

Suporte emocional para o fracasso

Deve-se reduzir a pressão dos factores externos que obrigam os estudantes a trabalhar constantemente, tirar as melhores notas, trabalhar a um ritmo muito rápido e triunfar ao mesmo tempo em todas as disciplinas. É de evitar frases como “tu sempre tiras distinções em matemática! o que se passa desta vez?”; “Espero que ganhes o prémio de melhor composição do teu ano. Tenho toda a minha confiança depositada em ti!”; “Não sei o que se passa hoje contigo que estás tão mal comportado! “vá lá eu sei que consegues fazer isso num instante”. Isto vai criar uma ansiedade excessiva perante a possibilidade de fracasso.

Necessidades sociais

Muitas vezes, estes alunos preferem trabalhar individualmente, rejeitando o trabalho em grupo e mostrando-se por vezes intolerante e dominador. Isto pode levar a um isolamento que o professor deve estar atento.

Neste sentido estas crianças socialmente necessitam de: sentir que são aceites e que pertencem à sua turma, em vez de “ não sei porque é que tu estás na nossa turma se nunca queres fazer o que fazem os outros!”; poderem confiar nos seus professores, pais e companheiros e entender o que se espera dele socialmente e o efeito que o seu comportamento tem nos demais: “ a canção que compuseste é excelente, mas... não a podes cantar durante a lição de matemática!”; partilhar as suas ideias, preocupações e dúvidas sem que os seus companheiros o gozem ou o seu professor/a se iniba: “ o professor sou eu , não tu !” ou “já te disse que não se pode provar que existam buracos negros no universo!”; existir na turma uma atmosfera de respeito e compreensão para todos, isto é, um ambiente que ajude os alunos a reconhecerem e aceitarem a existência de diferenças individuais, tanto nos mais como nos menos capazes; acompanhar os trabalhos de grupo e trocar os seus conhecimentos com os outros companheiros; ter professores que mantenham boas relações sociais com o resto dos professores, pais e estudantes.

Necessidades intelectuais

Intelectualmente, estas crianças necessitam que: lhes dêem um ensino individualizado nas matérias específicas nas quais elas se superem aos demais (isto significa que os seus programas podem ser adaptados de maneira que contem com um ritmo mais rápido, disciplinas especiais e opções alternativas); lhes facilitem o acesso a recursos adicionais dos campos da arte e da ciência e quando seja possível, a profissionais brilhantes nos distintos campos; lhes dêem a oportunidade de desenvolver e compartilhar com os outros os seus interesses e habilidades; lhes proporcionem estímulos para serem criativos e tomarem riscos para poderem expressar o seu “ego” através das artes; lhes dêem a oportunidade de poder utilizar as suas habilidades para resolver problemas e realizar investigações, mais para além do que oferecem tipicamente os típicos livros de texto.

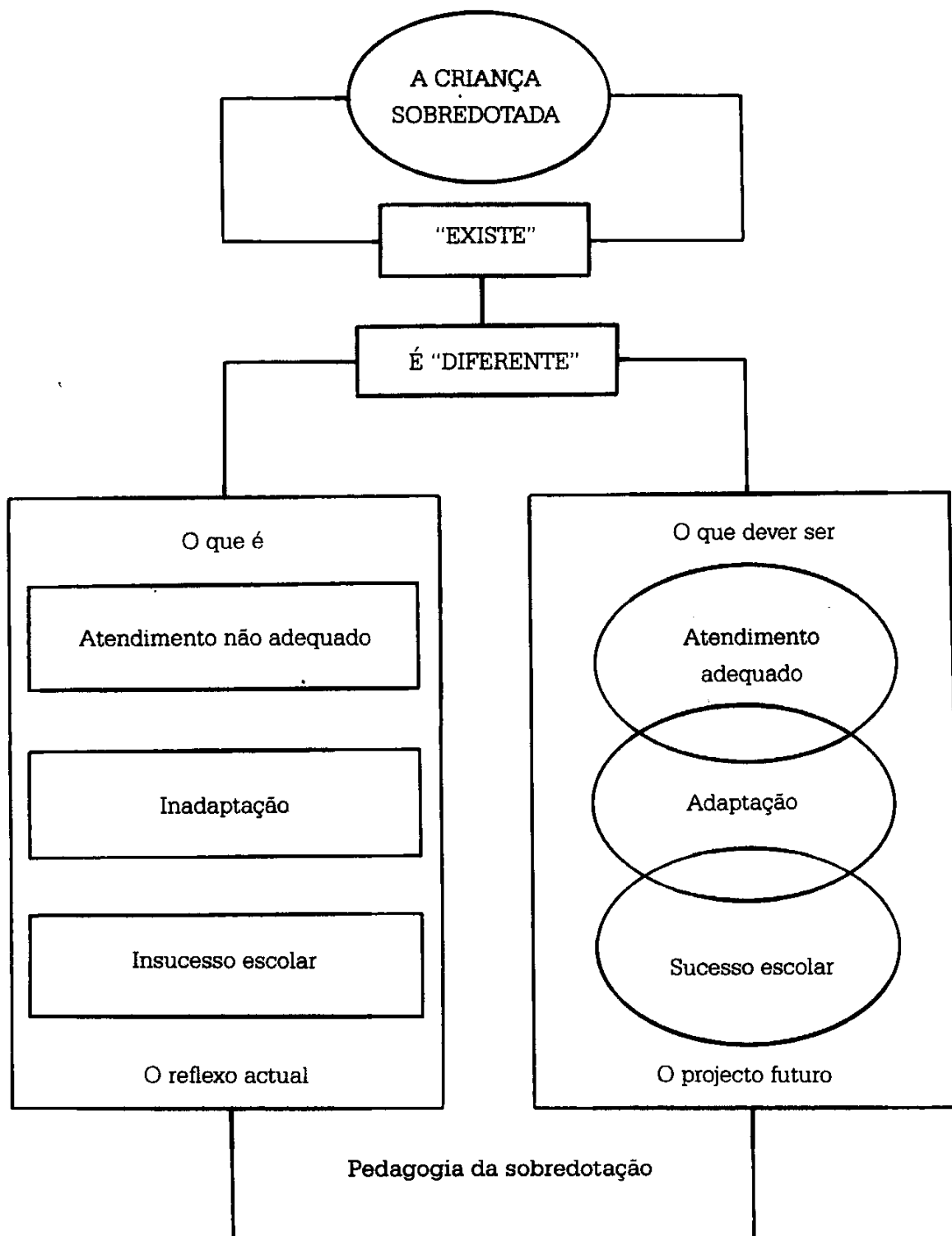
Segundo VAN TASSEL (1980) os alunos sobredotados necessitam de oportunidades:

- ◇ que lhes exijam pensar a níveis sofisticados;
- ◇ para produzir trabalhos diferentes do habitual;
- ◇ para trabalhar em equipa;
- ◇ para contemplar e discutir acerca da moral e ética;
- ◇ específicas nas suas áreas de maior esforço e interesse;
- ◇ para estudar temas novos, dentro e fora do programa escolar habitual;
- ◇ para poder aplicar as suas habilidades a problemas no mundo real.

Os pais e professores frequentemente põem toda a sua atenção nas necessidades intelectuais porque estas parecem mais concretas, mensuráveis e fáceis de cumprir. Se esquecermos as necessidades psicológicas e sociais não obteremos êxito com as intelectuais.

No seguinte quadro, podemos afirmar, esquematizando, que há uma dupla vertente na pedagogia da sobredotação: a negativa (o que ela realmente é) e a positiva (a que deveria ser)²:

Quadro IV – Pedagogia da Sobredotação



¹ Falcão, Ilídio de Jesus Coelho, *Crianças sobredotadas – Que sucesso escolar?*; Edições Asa; s/l; 1992

De uma maneira complementar, Van Tassel (1980)³ propõe um inventário de necessidades educativas de crianças sobredotadas que, pela sua natureza marcadamente orientada no sentido da clarificação das oportunidades educativas facilitadoras de desenvolvimento, valerá a pena registar:

Quadro V – Necessidades Educativas de Crianças sobredotadas, segundo Van Tassel

OS ALUNOS SOBREDOTADOS NECESSITAM DE OPORTUNIDADES EDUCATIVAS QUE LHE PERMITAM:

- pensar a níveis conceptuais elaborados
- trabalhar em equipa
- produzir trabalhos diferentes do habitual
- apreciar e discutir questões de natureza moral e ética
- realizar tarefas específicas nas suas áreas de maior esforço e interesse
- estudar temas novos, dentro e fora do programa escolar habitual
- aplicar as suas competências na resolução de problemas estruturados a partir da vida real

³ VAN TASSEL, J (1980) . Needs assessment, in Jordan, J.B. e Grossi, J.A. ***An administrator's handbook on designing programs for the gifted and talented.*** The council and association of the gifted, Association Drive , Reston , Virginia

CAPÍTULO 3 - PRÁTICAS EDUCATIVAS INCLUSIVAS VERSUS DIFERENCIAÇÃO

3.1. A ESCOLA FACE À CRIANÇA SOBREDOTADA

Ao analisar o programa do 1º ciclo, verifica-se que todos os pressupostos, os objectivos e os princípios orientadores apontam para uma escola dinâmica, aberta e atenta às vivências dos alunos.

Parece que a escola acompanha assim, as necessidades dos alunos e a sociedade dinâmica em que se vive. A priori, parece que tudo foi pensado pragmaticamente. No entanto, as práticas nas escolas ainda são direccionistas. Muitos são os que se preocupam, exclusivamente, em informar e transmitir conhecimentos. Constatamos, então, que a sociedade muda, mas a escola parece viver ainda para uma sociedade ultrapassada.

Porque não se observam, mais atentamente, os comportamentos dos nossos alunos? Porque o professor não admite ter na sua sala ou mais alunos que exigem a individualização do ensino? Não será vantajoso para a nossa sociedade, que se diz moderna, usufruir das capacidades excepcionais que determinados alunos possam revelar?

Parece haver por parte da escola uma “preguiça” em proporcionar aos sobredotados motivações para o acto de aprender. Parece que a escola prefere camuflar estes pequenos e possíveis futuros génios tão úteis à sociedade.

É tempo de reflectir e inovar. Só assim, se poderá criar a escola de todos e para todos. Uma escola em que a criança seja o sujeito a educar. O importante é desenvolver potencialidades, para futuramente estas crianças intervirem activamente no desenvolvimento do nosso país.

Hoje, a formação dos professores não inclui esta temática, pelo que lhes competem serem capazes de se adaptarem e improvisarem respostas a determinadas situações, pelo que devem ser sujeitos flexíveis.

A criança sobredotada (tal como as outras) é livre, e por isso, o professor tem de respeitar as suas necessidades, desejos e ritmos. Deve limitar-se a aceitá-la e a estimular o seu percurso académico, de modo a não ferir a sua sensibilidade. Se tal não acontecer, estaremos a destruir o que de melhor há nela e impedir que ela cresça e evolua.

Não podemos pensar que o sobredotado é necessariamente um bom aluno e por consequência não necessita de estímulos ou motivação.

A Escola e a criança sobredotada são duas realidades em choque. O não reconhecimento de tal facto pode gerar situações de conflito entre escola e criança de modo a poder considerar-se que as crianças sobredotadas são crianças inadaptadas.

O não atendimento adequado à criança sobredotada, como criança diferente que é, gera problemas de adaptação. A maior parte das vezes, o não – atendimento provém do desconhecimento daquele facto real, outras vezes resulta de contestações não democráticas, ou do não – respeito pelo princípio de oportunidades.

Antes do século XX, a atenção às crianças sobredotadas não era motivo de preocupação já que se considerava que estes já eram privilegiados por natureza, porque apresentavam grandes potencialidades e portanto não necessitavam de um apoio especial (Blanco, Rios & Benavides 2004). Neste sentido, a filosofia educativa tinha como objectivo o de ajudar os mais desfavorecidos e incapacitados, deixando de atender a estes alunos. Actualmente, é-lhes reconhecida a necessidade de apoio e ajudas especiais para que desenvolvam ao máximo as suas capacidades e potencialidades.

Esta mudança verificou-se porque passou a existir uma maior consciência e respeito por estes alunos, também um maior conhecimento dos processos de desenvolvimento psicológicos, de metodologias de identificação e das estratégias mais adequadas para dar respostas às suas necessidades educativas individuais. Contudo, e apesar deste maior reconhecimento, nem sempre estes alunos encontram respostas educativas para as suas necessidades dentro do sistema educativo. Este permanece mais preocupado com os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem (Miranda, 2003, Miranda & Almeida, 2002).

O sistema educativo deverá ser flexível para permitir os ajustamentos necessários ao currículo de forma a torná-lo mais adequado aos sobredotados, mas também aqueles que o não são. Sánchez Manzano e Sanchez Cuenca (1990) consideram que a escola deve oferecer ao sobredotado um currículo escolar que: parta para etapas cognitivas, de criatividade e dos estilos de aprendizagem, inclua a provisão de actividades complementares e de criatividade, inclua, também, a capacidade de resolução de problemas, e considere um amplo programa ou projecto educativo. Finalmente, a intervenção perderá objectividade se não for levada a cabo por uma equipa multidisciplinar, não esquecendo, obviamente, o papel do professor.

Hoje os alunos sobredotados encontram na escola: tarefas de aprendizagem muito fáceis e desniveladas com as suas potencialidades; não têm oportunidade de explorar o que aprenderam, não são estimuladas para desenvolverem as suas melhores habilidades nem para aprenderem de modo aprofundado e possuem uma falta de motivação para a aprendizagem escolar, devido a muitos outros interesses.

“É facto comprovado que a sobredotação não é, por si, garantia de sucesso...pelo menos não o é do sucesso escolar. O potencial superior é, às vezes, como flor que murcha e acaba por mergulhar no fracasso e na frustração.” (Falcão, 1989)

Na verdade, actualmente as crianças sobredotadas podem estar tão inadaptadas à escola, como a escola à criança sobredotada; podem estar tão ou mais inadaptadas que as crianças deficientes – porque uma e outra são “crianças diferentes” e a escola não tem estado e não está dimensionada, no seu contexto tradicional e actual, para as atender.

3.2. O PROBLEMA DE INADAPTAÇÃO À ESCOLA

A escola deixou de ser um espaço físico fechado e isolado do resto da comunidade, sendo apenas importante o saber ler, escrever e contar.

Devido às mudanças sociais, novos desafios surgem no campo da educação, tornando-se mais evidente a necessidade de cooperação entre os professores e os pais.

É indispensável, uma relação afectiva e horizontal na sala de aula, de modo a estimular intrinsecamente o educando sobredotado, desencadeando o interesse pelos estudos e motivações para a vida escolar.

O papel da escola é permitir a realização pessoal que é a base primária de todas as motivações humanas e estímulos comportamentais.

Aliás, o professor deve permitir a curiosidade, encorajar e aceitar a fantasia e imaginação, evitara críticas e humilhação e estabelecer uma oportunidade com o aluno.

Para que estas atitudes se verifiquem, o professor deverá ser dinâmico, colaborador, competente, simpático, compreensivo, paciente, imparcial, justo, coerente, bem-disposto e flexível. Mas, na verdade que escolas e que professores estão preparados para enfrentar os problemas das crianças Sobredotadas?

Têm sido variadas e múltiplas as tentativas de dar solução adequada ao problema do sobredotado ao longo do seu processo educacional, quer ao nível da organização do sistema de atendimento, quer a nível da preparação dos professores. O objectivo é atender, entre outras, as necessidades dos alunos sobredotados através de experiências educacionais diferenciadas.

De acordo com Prieto e Martínéz (2000) são necessários vários passos para desenhar as medidas educativas num quadro de uma escola inclusiva, implicando, uma sensibilidade e compromisso claro no atendimento adequado deste tipo de alunos. Daqui decorre ter-se políticas concretas sobre as provisões e procedimentos relativamente à atenção e diversidade no atendimento dos sobredotados dentro do sistema regular de ensino, incluindo-se aqui a formação dos professores.

Podemos dizer, então, que as medidas educativas para os alunos sobredotados são diversas. Esta diversidade passa, aliás, pelo facto de ser incorrecto, e também anti-pedagógico, pensarmos num grupo monolítico de alunos sobredotados. Neste sentido, encontramos na literatura referência a várias estratégias educativas para o apoio a estes

alunos, como o enriquecimento na turma, o recurso a um professor especialista, a aulas de apoio fora da sala de aula, um programa com tutor da comunidade, o estudo independente, a aceleração, o agrupamento dos estudantes por níveis de interesse e habilidade, ou ainda, a escola especial. Em suma: existem três soluções possíveis ou modalidades propostas para atendimento ao sobredotado:

(i) A aceleração escolar; (ii) O enriquecimento dos programas; (iii) A criação de turmas ou escolas especiais (segregação).

Em Portugal, a aceleração aparece como uma medida que é complementada na legislação e a que se recorre na entrada antecipada no primeiro ciclo do ensino básico, isto é, “dar um salto” durante o 1º ou 2º ciclo (despacho normativo nº1/ 2005), sendo uma medida já implementada desde 1998, mas enquadrada por outros diplomas legais.

Também, em Portugal, os programas de enriquecimento são relativamente habituais nas respostas que se organizam para os alunos sobredotados ou com altas habilidades, mas estão geralmente a cargo das Associações que os atendem (Miranda & Almeida, 2000), todavia a informação relativa à avaliação ou validação de tais programas é escassa. Estes programas de enriquecimento consistem em completar as actividades normais com outras actividades adicionais, que vêm “enriquecer” os conteúdos iniciais. O que está em causa é a promoção de experiências variadas, buscando-se desempenho em níveis cada vez mais elevados, quer no aspecto quantitativo, quer no aspecto qualitativo. Muitas são as formas que um programa de atendimento pode revestir:

- (i) **Completar** em menos tempo o conteúdo proposto, permitindo, deste modo, a inclusão de novas unidades de estudo;
- (ii) **Investigar** profundamente os temas que estão a ser tratados, com utilização de um maior número de fontes de informação, com o objectivo de o dominar e conhecer mais amplamente;
- (iii) **Desenvolver** projectos originais, solicitando-se ao aluno que os elabore e realize em determinadas áreas do conhecimento, os quais poderão levar a efeito tanto na sala de aula como em actividades extracurriculares.

Quanto à segregação, consiste em isolar os sobredotados das outras crianças, sendo colocadas em classes especiais, ou solicitados a retirar-se das salas de aula, por um período determinado de tempo, e regressam após o termo das actividades.

3.3. CONTRIBUTOS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES COM ALUNOS SOBREDOTADOS

Numa época em que se defende o direito à plena inclusão, devendo a escola e a sociedade dar resposta a todos aqueles que, por qualquer motivo, se encontram em risco de privação desse direito, uma das condições necessárias ao êxito de tal objectivo é a *precocidade na intervenção*. Nestas condições, torna-se forçoso contemplar no plano curricular da formação inicial de educadores de infância a inserção de unidades disciplinares que permitam não só garantir a formação de atitudes consentâneas com a filosofia da *educação para todos*, mas igualmente desenvolver competências científico-pedagógicas necessárias ao trabalho educativo com os diferentes grupos de crianças que por qualquer motivo apresentam necessidades educativas especiais.

Além disso, é importante enquadrar a abordagem das referidas temáticas dentro dos princípios de política educativa que enformam as práticas de integração/inclusão actualmente em vigor – nomeadamente as decorrentes da “Declaração de Salamanca” – do mesmo modo que se revela indispensável o conhecimento das normas legais aplicáveis ao ensino integrado no Sistema Educativo Português.

Paralelamente com os objectivos de índole cognitiva, o Ministério da Educação tem dado orientações às Escolas Superiores de Educação, para que estas, procurem criar, nos alunos-formandos, atitudes consentâneas com as perspectivas actuais sobre a pessoa diferente, abordando as orientações educativas destinadas a garantir a sua plena integração escolar e social e o usufruto dos direitos devidos a todo e qualquer cidadão.

Segundo Jacques Delors, a Educação para o Século XXI refere que os sistemas educativos formais são muitas vezes, acusados e com razão, de limitar o desenvolvimento pessoal, impondo a todas as crianças o mesmo modelo cultural e intelectual sem ter conta a diversidade dos talentos individuais. Tendem cada vez mais, por exemplo, a privilegiar o desenvolvimento do conhecimento abstracto, em detrimento doutras qualidades humanas como a imaginação, a aptidão para comunicar, o gosto pela animação do trabalho em equipa, o sentido do belo, a dimensão espiritual e a destreza manual.”

Na verdade, actualmente tem sido uma preocupação constante do Ministério da Educação formar os Profissionais da Educação, designadamente Professores Especializados, na área do Ensino Especial, só assim iremos proporcionar uma educação inclusiva e de melhor qualidade, tendo em conta a diversidade de alunos existente nas escolas actuais.

O Ministério da Educação deu o seu contributo, editando um documento imprescindível na prática efectiva de qualquer docente, visando orientações práticas de intervenção educativa para crianças e jovens sobredotados.

Para isso será necessário que o professor tenha alguma formação, uma vez que implica vivenciar situações de desafio e até de risco, porque o sobredotado é inquiridor, instável e por vezes agressivo. É necessário que o professor tenha determinado perfil para acompanhar uma criança sobredotada.

Alguns professores consideram a criança sobredotada como um trabalho redobrado para o qual não se sentem preparados e cujo desafio não é bem-vindo. Outros pensam que não se deve fazer nada de especial, educativamente para este tipo de aluno, pois pode progredir sozinho sem nenhum tipo de intervenção especial.

Infelizmente, investigações demonstram que um número significativo destes alunos (sobretudo as raparigas) não chegam à Universidade, ainda que todos eles triunfariam aí, provavelmente com pouco esforço.

Estas crianças e jovens requerem ajudas educativas para o desenvolvimento normal dos seus dotes excepcionais. Mas não requerem, por definição, ser segregados em colégios especiais, com professores especiais. Requerem professores que conheçam bem as suas habilidades, talentos e necessidades educativas e que estejam dispostos a colaborar com eles.

Os professores não têm de ser necessariamente especialistas, mas devem estar abertos a novas ideias. Se queremos ensinar uma criança sobredotada devemos ajudá-la a encontrar e a utilizar os recursos que temos à mão, abrir novas portas e derrubar obstáculos nas suas aprendizagens. O professor é um guia que orienta o aluno, não é necessariamente sua fonte de conhecimento.

Se queremos proporcionar experiências educativas apropriadas para os nossos futuros possíveis alunos sobredotados, devemos primeiramente analisar o nosso comportamento.

Assim a criatividade nos materiais de aprendizagem, no planeamento de situações educacionais; a capacidade para organizar, não só os currículos como o contexto físico e a dinâmica funcional da turma; o conhecimento da psicologia dos sobredotados; a riqueza de recursos pessoais no controlo da turma e a disponibilidade para a relação educativa são tidos como atributos indispensáveis do professor.

É importante que o docente esteja motivado quer para a inovação a nível didáctico como para a flexibilidade metodológica e para um processo centrado no aluno. O seu papel de estimulador e facilitador requer uma sensibilidade e compreensão no desempenho da sua função.

Deste modo, a formação do docente deve basear-se nos seguintes aspectos: (i) aceitar o aluno sobredotado como ele é (ii) não exigir demasiado da criança e tentar encontrar as respostas correctas (iii) harmonia, equilíbrio e afectividade na relação entre professor e aluno (iv) respeitar o talento, criatividade e imaginação da criança procurando para tal um currículo adaptado com programas individualizados e equipas coordenadas (v) a estimulação é fundamental para a realização da criança.

Fundamentalmente, o professor de sobredotados deverá possuir: (i) uma boa prática em várias áreas e níveis, (ii) uma compreensão real do desenvolvimento da criança nos aspectos cognitivo, emocional e social; (iii) capacidades para desenvolver programas enriquecedores e actividades criativas.

Neste sentido, o professor, na sala de aula, deve : (i) ter disponibilidade de grandes períodos de tempo; (ii) criar oportunidades para mobilizar os seus interesses e perseguir os seus objectivos; (iii) o papel do professor deve ser orientador e facilitador; (iv) utilizar estratégias de aprendizagem divergentes, actividades abertas, (v) usar o mínimo da repetição, (vi) criar um clima de valorização original e descoberta auto dirigida; criar grupos de discussão com colegas do mesmo nível intelectual, (vii) proporcionar debates, (viii) ajudar ao desenvolvimento precoce da capacidade de investigação, (ix) utilizar abordagens criativas para desenvolvimento e fortalecimento das habilidades orais e escritas da comunicação materiais avançados, (x) disponibilizar longos períodos de tempo para trabalhar sem interrupção, (xi) realizar projectos aprofundados, (xii) utilizar materiais, actividades e equipamentos estimulantes e motivadores, (xiii) ter em atenção o desenvolvimento precoce de habilidades de pensamento criativo, (xiv) realizar experiências de resolução de problemas, (xv) deixar

o sobredotado progredir ao seu próprio ritmo, (xv) deixar o aluno ter liberdade no movimento, na acção e na tomada de decisões, (xvi) fomentar o trabalho independente, (xvii) criar oportunidade para assumir vários papéis na interacção de grupo, (xviii) providões para percepcionar-se a si e aos outros, (xix) criar oportunidades para desenvolver capacidades de liderança, (xx) promover um maior contacto com pessoas de contextos sócio económico e culturais diversos, (xxi) criar oportunidade para explorar e desenvolver novos interesses, (xxii) criar oportunidades para desenvolver competências a nível dos seus interesses mais profundos, (xxiii) utilizar uma variedade de materiais, equipamentos, recursos, pessoas e visitas de estudo.

Para além destes aspectos o professor deve ter sempre presente que a criança sobredotada é acima de tudo uma criança e um ser humano, algo que tem de ser respeitado para que o seu potencial seja aproveitado.

3.4. ENQUADRAMENTO LEGAL

A educação de crianças sobredotadas constitui um desafio, pois a excepcionalidade não se consegue sem acompanhamento apropriado e, por isso, é essencial conhecermos mais acerca destes talentos e como lhes podemos promover melhor experiência educacional.

Recentemente, o Despacho normativo 50/2005 de 9 de Novembro, institui entre outros recursos, a implementação de Planos de Desenvolvimento (especificamente dirigidos a alunos que revelam capacidades excepcionais de aprendizagem) entendidos como o

“conjunto das actividades concebidas no âmbito curricular e de enriquecimento curricular, desenvolvidas na escola ou sob a sua orientação que possibilitem aos alunos uma intervenção educativa bem sucedida, quer na criação de condições para a expressão e desenvolvimento de capacidades excepcionais, quer na resolução de eventuais situações problema.”(art.5º)

É sabido que “a realidade não muda por decreto” mas estas constituem importantes regulamentações de base que, com o tempo e o esforço de todos os agentes educativos produzirão, certamente, os seus frutos.

Torna-se, por isso, necessário aprofundar conhecimento nesta área para possibilitar aos alunos uma intervenção educativa bem sucedida, quer na criação de condições para a expressão e desenvolvimento de capacidades excepcionais quer na resolução de eventuais situações problema.

Pois na verdade, apesar de os alunos manifestarem frequentemente facilidade na aquisição de conhecimentos e de competências em várias áreas, actualmente, a escola não se tem responsabilizado pela criação de oportunidades e de experiências de aprendizagem que lhe favoreçam o desenvolvimento e que se associe à natureza dos seus interesses e lhes proporcione o pensamento divergente e inovador. Nem mesmo os planos de desenvolvimento, previstos pelo Despacho Normativo nº 50/2005, diploma amplamente divulgado nas escolas, lhes é elaborado.

Como tal, os alunos continuam a sentir a devida falta da prestação educativa e o contínuo desinteresse por parte dos professores na formação sobre esta temática. Por sua vez, a família sente-se receosa de que qualquer reivindicação possa ser mal interpretada na comunidade como manifestação de vaidade ou pretensão de privilégios.

3.5. PRÁTICAS EFECTIVAS

Apesar de uma deficiente prestação educativa face a alunos sobredotados e após a implementação do Decreto de Lei referido anteriormente, existe um esforço por parte de algumas associações que se interessam por este grupo alvo e que actualmente proporcionam-lhes práticas educativas diferenciadas, que dão resposta a algumas das necessidades educativas deste tipo de alunos.

Nesse sentido, no âmbito das finalidades do Centro de Investigação e Apoio Psicopedagógico da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, no Porto, e como resposta pela Unidade de Atendimento, foi implementado, em 1995-96, um programa de enriquecimento denominado “Projecto Sábados Diferentes”.

O objectivo primordial deste projecto, é favorecer o desenvolvimento pessoal e social das crianças e jovens que apresentam capacidades acima da média ou altas habilidades, para isso, promovem o encontro e convívio entre pares, fazendo a respectiva identificação, orientação e acompanhamento de casos, dão apoio à família, à escola e efectuem formação de docentes. Neste projecto promovem a realização de estudos e investigações. A sua acção dirige-se a crianças, jovens e aos pais.

As crianças são organizadas por grupos de actividades, são proporcionados espaços de comunicação e expressão, de relação e convívio, nos quais desenvolvem todo um conjunto de habilidades: expressão, coordenação e controle corporal, imaginação e criatividade, expressão verbal e plástica, comunicação e interacção social, construção e aceitação de regras, trabalho em grupo e cooperativo, desenvolvimento da auto-estima e auto-confiança e, questionamento e resposta. O programa decorre aos sábados de manhã, habitualmente nas instalações da escola, com algumas saídas ao exterior.

É efectuada também a identificação de casos através do recurso a dados recolhidos junto das próprias crianças e jovens, dos pais, professores, psicólogos. Para cada caso há um conjunto de referenciais a ter em conta na procura da melhor orientação e encaminhamento, tanto no plano de desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, como no plano do desenvolvimento pessoal e social da criança ou jovem com expressão nas relações interpessoais praticadas na família e nos restantes grupos.

Este projecto tem também como objectivo, motivar os docentes para o estudo e para a busca de estratégias de ensino diversificadas, a utilizar em ambientes inclusivos.

Como tal, têm efectuado esse trabalho pelas escolas, através de acções de formação dirigidas ao corpo docente das escolas.

Segundo Serra (1999) o *Projecto Sábados Diferentes*, pretende responder às necessidades mais prementes destas crianças e suas famílias situadas primae facie no plano das relações pessoais e sociais.

Outro programa de enriquecimento em prática, no nosso país, é ele designado por “Porta Aberta”, este programa é promovido pelo Colégio Paulo VI, em Gondomar, e pretende treinar capacidades intelectuais valorizando as diferenças e estilos individuais, e ajudando cada criança ou adolescente a identificar e a lidar da melhor forma possível com as suas áreas fracas e fortes, simultaneamente, permitindo a cada um a aplicação prática dos seus conhecimentos ou habilidades. Desta forma, a participação dos alunos nestas actividades alternativas é, acima de tudo, uma tentativa de enriquecer o seu potencial cognitivo, emocional, criativo e social. É também objectivo deste projecto que todos os alunos possam, num período de curta a média duração, serem capazes de aumentar a sua participação activa, através das actividades.

O programa de enriquecimento realiza-se dentro das instalações do Colégio, com encontros de uma hora por semana em horário pós-aulas. Cada grupo conta com um dinamizador.

A concluir, é importante salientar que o facto deste projecto se ter desenvolvido dentro do contexto escolar fez com que se percebesse o papel importante que a escola desempenha no desenvolvimento e crescimento destes alunos, isto porque, nos permite adequar e adaptar o programa de enriquecimento ao programa curricular, bem como o contrário, e ainda contar com a preciosa ajuda dos professores que tão bem conhecem as potencialidades e áreas menos fortes dos alunos.

Para além destes programas de enriquecimento apresentados anteriormente, existem outras associações portuguesas que muito contribuem para a problemática de crianças sobredotadas, sendo elas: a A. P. C. S. – Associação Portuguesa das Crianças Sobredotadas, a C.P.C.I.L. – Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança a A.N.E.I.S. – Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação e também o Instituto de Inteligência.

Estas associações têm como finalidade não só apoiar as crianças e jovens, como também apoiar as respectivas famílias, que na grande maioria se sentem “abandonadas”

pelo sistema educativo implementado no país. Para além destas associações apoiarem as famílias, elas promovem a consciencialização da opinião pública face à problemática em questão, criam as condições estruturais necessárias para o apoio a estas crianças, para o seu reconhecimento e para o desenvolvimento ideal das suas aptidões. Têm a finalidade de expandir a acção que a Associação se propõe, promovendo a sensibilização e informação do público em geral, nomeadamente através de: (i) organização de encontros, seminários, colóquios ou conferências, (ii) participação em eventos científicos organizados por outras entidades. (iii) entrevistas dadas aos órgãos da comunicação social, (iv) criação de pólos de expansão das actividades das associações, em diversas localidades do país.

Estas associações fazem o aconselhamento necessário às famílias e às escolas, fazem uma avaliação especializada, quer psicológica e educacional e promovem também os programas de enriquecimento, que têm como objectivos: estimular as potencialidades individuais, desenvolver a auto-confiança, alargar os horizontes culturais, desenvolver o espírito crítico, aprender a trabalhar em grupo, estimular a criatividade e fomentar a aprendizagem de resolução de problemas e de tomada de decisão.

CAPÍTULO IV- METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

4.1.ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

A investigação na área da sobredotação tem mostrado, em termos gerais, uma falta de articulação entre a definição considerada em determinado momento, as metodologias adoptadas na identificação de indivíduos considerados sobredotados e as medidas de intervenção e práticas educativas proporcionadas. Apesar da evolução desta conceptualização ao longo do tempo. Incluindo actualmente múltiplas dimensões do desenvolvimento humano, a identificação continua a centrar-se fundamentalmente em provas de avaliação cognitiva ou testes de QI. Além disso, constatamos que em Portugal pouco se conhece acerca do acompanhamento educativo dado a estes alunos, ou até mesmo que práticas educativas utilizam os professores para promover reais efeitos no percurso escolar destes alunos e o seu próprio desenvolvimento. Assim, o tema da Sobredotação encontra-se bastante carenciado de investigação, seja a nível internacional ou até mesmo aqui ao nível do nosso País.

Como esta temática é muito abrangente permitiria inúmeras hipóteses de investigação, assim, delimitaremos o nosso estudo à percepção dos professores face às competências das crianças sobredotadas e na verdade que práticas educativas inclusivas praticam eles, no decorrer das suas aulas. Com isto, é nosso intuito desenvolver uma reflexão acerca das percepções que os professores têm dos alunos com capacidades acima da média (capacidades físico-cognitivas, competências académicas específicas, raciocínios lógico-dedutivos, pensamento criativo-produtivo, etc.), e saber até que ponto estes são capazes de reconhecer, nas suas práticas pedagógicas e na sua interacção, crianças/alunos com aptidões acima do normal. Ou seja, verificar se os professores são capazes de reconhecer os alunos sobredotados a partir das suas particularidades e especificidades (capacidades/ competências) em contexto escolar, conhecer as suas áreas fortes, específicas, em que os alunos demonstram competências

fora do comum e contribuir para as adequações das práticas pedagógicas deste grupo de alunos sobredotados.

Objectivos

O que despoletou este estudo foi a presença de duas crianças sobredotadas de duas escolas básicas, pertencentes ao Agrupamento de Escolas onde exerço actualmente a função de docente. Após uma conversa informal, com as respectivas mães destas duas crianças, percebi que ambas possuem um comportamento desajustado dentro da sala de aula. As encarregadas de educação sentem-se muito apreensivas quanto ao percurso escolar de seus filhos, alegando que muitas vezes as crianças se sentem frustradas na escola.

Assim, o objectivo deste estudo é analisar e perceber se realmente os professores possuem algum conhecimento sobre o tema em questão e se o atendimento prestado a crianças sobredotadas é eficaz, estimulante e motivante.

Para direccionar mais especificamente o estudo, é pertinente colocarmos as seguintes Questões de Investigação:

- Sabendo que os alunos sobredotados existem, os professores, no primeiro ciclo do ensino básico, identificá-los?
- Os Professores têm conhecimento das características dos alunos sobredotados para os distinguir dos demais.
- Os Professores utilizam práticas educativas inclusivas para alunos sobredotados?

Será na tentativa de resposta a estas questões que se desenvolverá o nosso estudo. Deste modo tentaremos procurar saber se os professores, na sua prática pedagógica, são capazes de perceber as características individuais dos alunos e se serão capazes de utilizar práticas educativas e pedagógicas inclusivas para este grupo de alunos.

4.2. METODOLOGA DA INVESTIGAÇÃO: ESTUDO DE CASO

Os avanços tecnológicos, assim como a produção de conhecimentos fundamentais, só se tornam possíveis através de pesquisa. Pesquisar tem sido o caminho que se percorre para se responder às questões, para se construir novas ideias e ideais. A pesquisa é um micromundo humano, e portanto, tem um papel importante nas reconstruções das sociedades e da vida como um todo, seja enquanto propósito académico, seja enquanto propósito da vida quotidiana. Como tal, o presente estudo aborda uma das várias temáticas ligadas à sociedade. A sobredotação, isto é, uma das características possíveis dos indivíduos, que fazem parte da sociedade actual.

Como sabemos, os alunos sobredotados têm características próprias que fazem de si alunos diferentes. Contudo, e apesar de serem orientados para uma prática pedagógica que não se quer massificadora nem normalizadora, corre-se muitas vezes o risco de não os conseguir diferenciar no grupo, pela falta de sensibilidade para com os referidos alunos que porventura existam. Assim, é nossa intenção colaborar na despistagem de tais alunos, contribuindo para uma comunicação mais personalizada e orientada para a rentabilização das suas potencialidades e satisfação das suas necessidades. Para isso o estudo será qualitativo, baseando-se na metodologia de estudo de caso.

Esta metodologia é sem dúvida a melhor forma para estudarmos este assunto, pois consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de acontecimentos específicos. Desta forma proporciona-se o estudo dos acontecimentos tal e qual acontecem, com a mínima possibilidade de manipulação. O estudo qualitativo tem destaque quando os fenómenos têm envolvimento com seres humanos e suas relações na sociedade, esses fenómenos são melhor compreendidos, se estudados no contexto em que os mesmos se desenvolvem, nos quais se constroem, merecendo ser analisado numa perspectiva integrada de múltiplas interacções.

Este estudo de caso vai permitir que a investigação nos leve à compreensão do nosso objecto de estudo e posteriormente fazer uma reflexão consciente sobre as respostas educativas actuais e compreender a atitude dos professores em relação ao apoio prestado a este grupo de alunos.

4.3. DEFINIÇÃO DA AMOSTRA

Para desenvolver este estudo, a amostra incidirá sobre duas professoras do ensino que se encontram na condição de titulares de turma, de duas Escolas Básicas do 1º Ciclo, da freguesia de Jovim, concelho de Gondomar, distrito do Porto. Ambas possuem uma criança Sobredotada, uma do sexo masculino, cuja faixa etária é de 6 anos e outra do sexo feminino, cuja faixa etária é de 7 anos.

4.4. INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Por se tratar de um Estudo de Caso, que obriga a uma caracterização global do sujeito e toda a sua envolvência, permite-nos utilizar um conjunto de instrumentos que se incluem em metodologias qualitativas.

Face ao objecto de estudo definido ao longo deste trabalho considerar-se-á adequada a construção de um Inquérito por Questionário como método de recolha de dados. Este, na perspectiva Quivy (1992:188) “ distingue-se da simples sondagem de opinião pelo facto de visar a verificação das hipóteses teóricas e a análise das correlações que essas hipóteses sugerem... são geralmente mais consistentes que as sondagens”.

O instrumento foi criado em função de toda a revisão bibliográfica apresentada anteriormente e terá como objectivo a análise das competências que os professores do ensino básico consideram necessárias para uma efectiva implementação de práticas educativas inclusivas junto de crianças sobredotadas.

Com o inquérito em forma de questionário pretendemos obter dados sobre o modo como os professores do ensino regular trabalham com os alunos objecto do nosso estudo.

Na perspectiva de Quivy (1992:188) este questionário é considerado de administração directa já que são os próprios indivíduos a assinalarem se tais elementos correspondem à ideia que têm sobre o assunto em questão.

Ao sugerirmos a aplicação de um questionário, temos em consideração todas as suas vantagens – respostas rápidas e precisas, anonimato e por isso maior liberdade nas respostas, menos riscos de distorção por parte do investigador, facilidade de tratamento de dados, mas também com um grande inconveniente, impossibilitando de esclarecer dúvidas ao inquirido e com a possibilidade de uma pergunta influenciar a outra. Consideramos, assim, que este é o instrumento que melhor permite aferir até que ponto os professores têm, ou não, práticas de diferenciação positivas para com os alunos sobredotados.

Na formulação das questões tivemos o cuidado de as elaborar de forma clara, sendo unívocas e optámos por um questionário de escolha múltipla, o que permite uma maior garantia de fiabilidade e parece-nos a opção mais adequada, pois permite uma visão mais abrangente da problemática.

4.5. PROCEDIMENTOS

Para realizar este estudo esclarecer-se-ão os professores acerca dos objectivos do estudo e as respectivas exigências. Para o devido efeito, será utilizado o inquérito por questionário, o que permitirá uma maior confiança nos dados a recolher, que visam inquirir os Professores, sobre as suas percepções relativas à caracterização de alunos sobredotados e que práticas educativas inclusivas aplicam eles, em contexto de sala de aula.

Para aferir, o mais exactamente possível, das medidas pedagógicas de diferenciação que os professores efectivam nas suas aulas faremos, então, a aplicação de um questionário. Este fornecerá os indicadores que permitirão julgar se os professores adequam as suas metodologias para que os alunos Sobredotados se sintam motivados e interessados pela escola.

Na resposta a estes questionários apresentaremos seis hipóteses de escolha: “nunca”, “raramente”, “às vezes”, “várias vezes”, “frequentemente” e “sempre”, partindo da frase enunciada.

Assim sendo, as questões número: 1,8 e 16, permitiriam constatar até que ponto os professores estão informados sobre a área do interesse e motivação que afecta o aluno.

As questões número: 10, 14, 17 e 20 foram elaboradas de modo a fornecer os dados necessários para que possamos compreender quais as medidas implementadas pelo professor para desenvolver a socialização do aluno.

As questões número: 5, 6, 9 e 12, permitem inferir até que ponto os professores promovem a criatividade do aluno na sala de aula.

A questão número 2, 3, 4, 7, 11, 13, 15, 18, 19, 21 e 22, dá-nos a possibilidade de perceber, se na verdade, há ou não preocupação por parte dos professores, em atender à heterogeneidade dos seus alunos e destes darem o seu melhor. Aqui perceberemos quais as medidas implementadas por eles, para desenvolver a aprendizagem do aluno, melhorando assim o seu sucesso e percurso escolar.

Após a elaboração do questionário, os dados recolhidos poderão confirmar ou não as questões de investigação por nós apresentadas.

Os professores inseridos no nosso estudo foram escolhidos em função da presença de tais alunos nas suas turmas e da disponibilidade demonstrada em participar. Assim, foram escolhidas duas professoras de cada estabelecimento de ensino diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste projecto de investigação procurei apresentar em linhas gerais a problemática da sobredotação.

De facto, constatei que as crianças sobredotadas são uma realidade, elas existem e sempre existiram. Desde os tempos mais remotos até aos nossos dias as crianças sobredotadas fazem parte do sistema escolar, e este não as pode ignorar.

Assim foi publicada a Lei de Bases do Sistema Educativo (1986), que defende a igualdade de oportunidades num contexto escolar e até mesmo num contexto social. Na verdade o sistema educativo deve organizar-se em função de uma prática efectiva de igualdade de oportunidades de sucesso, assim como, reconhecer a diferença e todo e qualquer dualismo cultural, que por sua vez, pressuponha a existência de modalidades de individualização que tenham em conta as necessidades dos alunos.

É importante ter em consideração que as crianças sobredotadas são crianças diferentes e como tal, têm necessidades educativas especiais que devem, por sua vez, ser atendidas. E para serem atendidas, o sistema escolar deve promover toda uma série de programas que incluam estratégias que permitam a inclusão dos sobredotados no ensino regular. As escolas devem estar equipadas com os recursos materiais e humanos necessários para despertar o interesse e permitir que as necessidades dos sobredotados sejam satisfeitas.

A preocupação com as crianças sobredotadas deve posicionar-se, tal como a com as crianças deficientes, como um problema de política global de educação e não uma questão de foro estritamente pedagógico.

Para que tudo isto seja possível, os professores como principais agentes e responsáveis pelo sucesso/ insucesso escolar, devem estar conscientes da problemática em si, devem ser preparados para lidar adequadamente com ela, o que não constitui uma tarefa fácil. Devem ainda ter conhecimento das várias modalidades de atendimento a crianças sobredotadas.

De facto constatei que, os professores do primeiro ciclo do ensino básico têm conhecimento da problemática da sobredotação o que condiciona a sua intervenção pedagógica em relação às mesmas.

Estão conscientes que as crianças sobredotadas não podem ser ignoradas, pois ao contrário do que antes se pensava, estas crianças não são sempre bons alunos e muitas vezes, chegam mesmo a apresentar insucesso escolar. Este insucesso, deve-se na maior parte das vezes, a problemas de adaptação escolar.

Os professores do primeiro ciclo do ensino básico necessitam de uma preparação específica para melhor atender estas crianças. Os docentes estão conscientes deste facto e reconhecem que esta formação é muito importante, pois fornece-lhes as bases, os conteúdos e as estratégias a pôr em prática, não apenas no processo de ensino/aprendizagem mas nas próprias estruturas escolares, com os pais e com a sociedade em geral, no fundo habilita-se a lutar por uma causa com todos os intervenientes no processo educativo.

Os docentes devem estar atentos e observar os vários comportamentos que possam distinguir as crianças sobredotadas. Torna-se necessário promover um processo de ensino/aprendizagem de qualidade com um clima sócio-afectivo que favoreça o equilíbrio emocional e o desabrochar das capacidades especiais destas crianças.

Os professores devem estar conscientes que os pais são um elemento fundamental a ter em conta no processo educativo de crianças sobredotadas. Os pais devem assumir um papel activo nos vários programas de intervenção para assim poderem expandir o programa escolar em casa e melhor satisfazer as necessidades e interesses manifestados por estas crianças.

No entanto, não podemos esquecer que as crianças sobredotadas são acima de tudo crianças e, como tal, necessitam da nossa ajuda para crescerem harmoniosamente em todos os aspectos.

Tendo em conta a minha pergunta de partida “Os Professores conhecem e utilizam estratégias educativas diferenciadas, no intuito de promover a inclusão dos alunos sobredotados, em contexto sala de aula?”, penso poder responder que de facto, os professores estão conscientes da problemática, e começam a respeitar a diversidade existente nas escolas, incluindo as crianças sobredotadas, para melhor lidarem com estas crianças no exercício das suas funções.

Existe legislação para Sobredotados em Portugal que deve, por sua vez, ser implementada e desenvolvida no futuro e os vários programas e actividades para

crianças sobredotadas são desejados pelos professores, numa tentativa de responder às necessidades dos alunos com capacidades superiores.

Uma formação adequada de professores permitirá a estes proporcionarem estratégias que favoreçam o desenvolvimento das potencialidades criadoras das crianças sobredotadas. Estas estratégias a ser aplicadas na sala de aula, beneficiarão não só as crianças sobredotadas mas todas as crianças, impedindo que surjam sentimentos de aborrecimento e desmotivação.